A CONTRIBUIÇÃO DA SOCIOLINGUISTICA NO ENSINO DA LINGUA INGLESA

Mônica de L .N. Santana
UEPB

Resumo

Visando a melhoria e o progresso do ensino de Língua Inglesa, acreditamos que a sociolingüística contribui no que diz respeito às competências lingüísticas de nosso alunado. Esta pesquisa tem como objeto de estudo a contribuição da sociolinguistica nas relações em salas de aula de língua inglesa em uma universidade de João Pessoa (PB). Temos o objetivo de fazer um breve histórico da sociolingüística, seguido de um corpus básico de análise a partir de recortes de gravação feita em sala de aula de língua Inglesa. O enquadre teórico para esta investigação privilegiam Bagno (2002), Bortoni - Ricardo (1996), Ribeiro & Garcez (1998) e Chianca (1999). Neste trabalho partiremos do pressuposto de que professores sensíveis às diferenças sociolingüísticas terão mais material para suas aulas baseado em variado material linguístico e desenvolverão estratégias interacionais mais positivas.

Palavras- chave: sociolinguistica; Ensino; Língua inglesa.

Abstract

Aiming the improvement and the progress of the English language teaching, we believe that the sociolinguistics contributes in what concerns the linguistics competences of our students. This research has as object of study the contribution of the sociolinguistics in the English classrooms relations in one university in João Pessoa (PB). We have as aim to make a brief historic of the sociolinguistic, followed by a basic corpus of analysis taken from records fragments done in the English classroom. Our theoretical frame for this investigation privileges Bagno (2002), Bortoni-Ricardo (1996), Ribeiro & Garcez (1998) and Chianca (1999). On this work we will start from the idea that professors sensitive to the sociolinguistics differences will have more material to the classes, based on varied linguistic material, and will develop more positive interactional strategies.

Key-words: Sociolinguistics; Teaching; English Language.

Introdução

Este trabalho é o resultado de minha inquietação e preocupação como professora (e parte envolvida), a respeito dos (des)encontros nas relações sociolingüísticas em sala de aula de Língua Inglesa Instrumental, em uma universidade na cidade de João Pessoa. Um estudo que ter por fim compreender esta relação, partindo do pressuposto de que o discurso da sala de aula reflete normas, contradições e conflitos, acreditando que a discussão acerca da relação professor/aluno ainda oferece possibilidades diversas de investigação.

Atualmente os profissionais da área de Lingüística Aplicada têm se preocupado em como inserir os conceitos da Sociolingüística no ensino de língua estrangeira na universidade. Portanto, como professores que somos não poderíamos ficar de fora!

Visando a melhoria e o progresso do ensino de Língua Inglesa, acreditamos que a sociolingüística contribui no que diz respeito às competências lingüísticas de nosso alunado. Por este lado, a competência comunicativa e a cultural são indissociáveis como diz R. Legendre (1933, p.224).O autor estabelece uma equivalência entre elas e define a competência comunicativa como a competência sociocultural relativa aos modos de vida e aos valores de diversas crenças da comunidade lingüística. Na verdade, é uma ciência que estuda as línguas e sua relação com as sociedades que a usa e cujo objetivo é responder perguntas do tipo "quem fala o que", "onde", "quando", "como" e "porque", mostrando que as línguas são formadas de variedades de formas todas com a mesma veracidade.

A sociolingüística e os dados de análise são a base, o ponto de partida para aqueles que assim como nós, estão envolvidos em entender e encontrar as dificuldades sociais presentes na educação.

O nosso objetivo é fazer um breve histórico da sociolingüística seguido do corpus básico de análise a partir de recortes de gravação feita em sala de aula de língua Inglesa, sempre contando com o respaldo da sociolingüística. Neste trabalho partiremos da hipótese de que professores abertos às variações existentes no português do Brasil, sensíveis às diferenças sociolingüísticas desenvolverão estratégias interacionais em sala de aula que serão bem aproveitadas e usadas a seu favor.

Um breve histórico

A sociolinguistica firmou-se por volta da década de 60 aos cuidados de William Labov e é comumente denominada de sociologia variacionista, nos proporcionando como pesquisadores ferramentas para analisar uma variante na língua. A palavra "variante' pode identificar uma forma que é usada ao lado de

outra língua. Exemplificando temos o exemplo dado por Martelota (2008) onde exemplifica a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural: "nós falamos" e "a gente fala" ambas variantes do presente do indicativo.As duas formas são aceitas, no entanto, a forma nós falamos é mais formal.

Para sermos mais precisos, através da sociolinguistica podemos perguntar se há diferenças na comparação entre pessoas cultas e analfabetas, se há e quais são os verbos que motivam o uso de nós, em que contexto um falante deve usar que variante?

É interessante mencionarmos aqui que através da sociolinguistica constatou-se que algumas formas não- padrões surgem na fala de pessoas com nível superior em circunstâncias informais.

Um fato importante a ser dito é que na sociedade até os séculos XVII e XVIII as crianças na Grã-bretanha eram tratadas como pequenos adultos e não como seres que merecem dedicação lingüística e pedagógica especial. As faixas etárias eram mescladas, nas salas de aula muitos professores eram hostis, uma razão a mais para entendermos as relações entre alunos e língua inglesa.

Desde seu primeiro estudo, em 1963 sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard no estado de Massachussets muitos outros aconteceram entre eles estudos a respeito da estratificação social do Inglês falado em Nova Iorque (1966), a língua do gueto, o estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes no Harlem entre muitos outros aconteceram. Graças à sociolingüística muitos estudos lingüísticos de comunidades foram realizados. Temos o espanhol falado no Panamá e o espanhol falado por porto-riquenhos nos Estados Unidos, o inglês falado na Inglaterra e em Belfast na Irlanda.

No seu estudo Labov observou duas formas de se pronunciar o fonema /r/ pós-vocálico, que seriam: a presença do segmento fônico ([r]) *vs.* Sua ausência ([ø) em contextos fonológicos idênticos. A letra r em posição final de palavra com em car, o /r/ foi ou expresso ou apagado; da mesma forma se dá com a palavra cart, o /r/ é realizado segundo uma ou outra das duas variantes. Os resultados mostram que a ausência do /r/ é condenada socialmente. O status social mais elevado de um falante corresponde o uso comum do [r]. Não existem, porém uma lei que defina o uso do [r] pós-vocálico como mal, ou incorreto. Tem-se apenas uma questão de atitude sociolingüística dos membros de uma determinada comunidade.

Se formos observar na Inglaterra, a pronúncia do [r] pós-vocálico é condenada socialmente, situação esta diferente de Nova Iorque. A história conta que até a segunda Guerra Mundial em Nova Iorque a forma social de prestígio era a ausência do /r. A verdade é que a variação do /r/ pós-vocálico está de ponta cabeça, pois agora tem prestígio quem pronuncia o /r/ pós-vocálico. Através de Labov e da sociolingüística pode-se perceber os exageros de pronúncia e estudar as configurações sociais das comunidades em questão. A Ilha de Martha's Vineyard foi estudada e tem-se encontrado nela duas maneiras distintas de se pronunciar a vogal núcleo dos ditongos /au/, como em *house, mouse*, e */ay/*, como em *right, might.* Acontece que existe uma variante

mais recente e que foi trazida pelos veranistas invasores desta ilha. Mas, como saber e analisar tal situação? Graças à sociolingüística poderemos explicar a presença da variante e a forma lingüística intensa usada na comunidade. Os moradores antigos por sua vez começaram a mostrarem-se ofendidos com a invasão dos veranistas e a conseqüente exploração econômica resultante.

Desta forma, os residentes tentaram demarcar seu território com atitudes lingüísticas e culturais com um perfil separado dos "invasores". Pode-se observar através do ocorrido na ilha de Martha's Vineyard que a língua falada por uma sociedade pode ser algo de relevante importância para a identificação de grupos sociais, étnicos e de faixas etárias diversa em uma mesma comunidade.

A questão da língua inglesa

Passemos agora ao nosso campo de atuação, a língua inglesa. A preocupação com a heterogeneidade lingüística na sala de aula começou a tomar corpo na América latina nos anos trinta com a implantação do Projeto Tarasco no México, em 1939 durante o governo de Lázaro Cárdenas. De acordo com Bagno (2002), foi a partir dos anos 60 que a língua na educação passou a ser vista como uma área de estudo acadêmica e de ação social.

É importante lembrarmos que possuímos uma capacidade para o plurilinguismo dentro de nossa própria língua, seja em casa, na escola, no emprego. Tais análises de Hymes mostraram que as relações da linguagem são reguladas por protocolos sociais codificados que nos dão o direito a fala e a escolha de um tema. Essas relações lingüísticas de natureza interativas também ocorrem na língua inglesa.

No que se refere à inserção da variação sociolingüística no Brasil, a variação está ligada a estratificação social e à dicotomia rural-urbano. O aluno é ratificado pelo professor e pelos colegas e começa a aprender a alternar palavras entre seu dialeto vernáculo e a língua estrangeira.

Existe uma idéia muito repetida de que "fracasso escolar é fracasso lingüístico." As escolas impõem que se aprenda e se os alunos fracassarem é porque não tem condições de evoluir. Geram-se expectativas de ambas as partes professores e alunos (às vezes representados pelos pais).

> "Professores que nutrem expectativas altas em relação aos seus alunos provenientes da classe trabalhadora tendem a desenvolver estratégias de ratificação desses alunos. Estas estratégias, por sua vez, são facilitadoras do bom ajustamento do aluno à cultura escolar, inclusive de sua aquisição de estilos monitorados da língua."
>
> (BORTONI-RICARDO, 1996, p. 7)

A sociolingüística teve impulso a partir dos anos 70, mas foi na década de 80 que se iniciaram os resultados práticos. Ela nos permitiu, por exemplo, uma reflexão sobre a relação entre os usos da língua na comunidade negra, nos guetos das cidades americanas agravado pela pobreza e o ensino da língua nessas escolas. As pesquisas mostraram que as crianças que pertenciam aos grupos minoritários tinham um desempenho escolar inferior ao da maioria nacional. O mesmo fato foi observado na Grã-Bretanha.

Convém esclarecermos as confusões existentes nas definições entre inglês- padrão, correto, acadêmico. Segundo Stubbs (2002) uma etapa decisiva no debate sobre injustiça social foi retratado em um artigo escrito por Labov (1969) onde ele argumenta contra a tendência à condenar as crianças como ilógicas, simplesmente por que falam uma variedade não –padrão de inglês. Esta foi a resposta à idéia lançada pelos EUA de que se ensinasse as crianças variedades – padrão do inglês, isso resolveria seus problemas educacionais. Labov brilhantemente mostrou que essa idéia se baseava numa confusão em torno do conceito de "bom inglês".

A sociolingüística dos anos setenta lançava análises contrastivas de dialetos e ofereceu propostas de aplicação na solução de alguns problemas educacionais. De lá pra cá o animo em relação à educação bidialetal esfriou.

Segundo Jenny Cook- Gumperz (1987), a sociolingüística educacional deixou importantes resultados:

1) Estabeleceu a legitimidade do dialeto negro nos EUA, legitimando a identidade social desses falantes e pregando o respeito às diferenças lingüísticas;
2) Forneceu descrições dialetais, fonológicas, gramaticais, lexicais, e etnográficos
   (características do Inglês negro);
3) Permitiu um melhor conhecimento cultural antes ignorado;
4) Adoção de métodos bidialetais no ensino (prevê o emprego de metodologias de ensino de língua estrangeiras nos currículos de escolas) A familiarização com os eventos da fala da cultura negra favoreceu a introdução em sala de aula de estilos comunicativos e interacionais para facilitar a ambientação das crianças na escola. Etnógrafos como Brice- Heath (1982) e Philips (1972) comprovaram que as estratégias de recriação em sala de aula da cultura das crianças atingem bons resultados.

Analisando a gravação

Aula de Inglês I para iniciantes realizadas em uma universidade da cidade de João Pessoa. (Doravante P será a abreviação para professora e A para aluno.)

L1P: good morning.
L2A: good morning.
L3P:vocês fizeram o dever de casa?
L4A: fizeeemos
L5P:então vamos corrigir. Quem quer ler pra mim. Minha garganta hoje não esta muito boa.
L6A: professora sua garganta esta sempre assim na segunda feira. Tava na farra né! L7(risos, sussurros).
L8P: vamos quem quer ler. Edcleyson que tal?
L9A:só leio se ganhar ponto.
L10P: vocês sabem que terão três notas, não esqueçam disso!! se você ler bem pode ser que ganhe.
L11A: Eita !
L12(o aluno fez a leitura de forma talvez heróica, quase todos eles provém de escola pública onde aulas de Inglês eram quase inexistentes. Era possível ouvir deboches risos, muito barulho devido ás conversas paralelas)
L13A: nunca mais eu leio. Inglês é muito dificil eu não consigo ler esse negócio.
L14(o aluno leu e a professora viu-se obrigada a dar um ponto na nota de participação)
L15.muito bem, mas mesmo assim vou reler para vocês..

Minutos depois a professora corrige as questões e pede para repetirem as frases logo após ela.

L16P: repeat please – Does she live in a big farm? (os alunos repetem de formas diversas) Big faça o som do g. Não é bic de caneta.
L17P: Does he live in a big farm?
(silêncio e sussurro)
L18P: yes, he does. Por que vocês não respondem?
L19A: eu sabia mas tive medo de errar,
L20A: eu respondo assim yes, she live in a big farm.Tá errado professora?
L21Não, não, tá errado, mas eu prefiro que diga Yes, she does. Depois eu te digo por quê.
L22A: Não sei pra quê aprender essa bexiga de língua.
(vários alunos comentam que nunca irão conseguir pronunciar inglês por achar a língua muito dificil.
L23P:e o certo é she lives coloque o s na terceira pessoa... (pausa, aparentemente cansada) porque vocês estão rindo do colega. Deixe-me falar. Ele está certo e se vocês continuarem assim são vocês que saem perdendo. A leitura contribui para a participação, entenderam? Vocês sabem que terão três notas, não esqueçam disso!

Ah, vamos logo temos muito que fazer. Ainda estou no início da página temos muito que ver hoje antes da prova que está chegando. Por favor, parem e me escutem. Assim não dá. Vamos fazer silêncio!!! Vocês fizeram o dever de casa? Número um... descreva as caracteristicas dos personagens de acordo com a leitura do texto feita em casa (a professora lê o quesito em Inglês).

L24A: não consegui fazer por que não entendi. Ainda não tenho dicionário. Vixi é muito difícil ler.
L25P: quem fez?
L26(silêncio e risadas. A professora vira a página contando quantos exercícios faltam a ser feitos ainda naquela aula.)
L27P: vocês deveriam substituir as palavras por sinônimos encontrados no dicionário. Quem comprou o dicionário?
L29(todos falam ao mesmo tempo explicando não terem o dicionário em mãos, nunca tiveram e não querem comprar)
Obs: Público-alvo: bombeiros, policiais, donas de casa e jovens adultos

Podemos observar nosso comentário no recorte L13 *nunca mais eu leio. Inglês é muito dificil eu não consigo ler esse negócio*, percebe-se que ao falar, o sujeito aluno da língua portuguesa transmite no seu discurso uma série de informações que permite ao ouvinte depreender seu estilo pessoal, bem como categorizá-lo em: raça, religião, classe social, entre outros. Os alunos desta turma são adultos com profissões bem diversas, bombeiros, donas de casa e não estão habituados a este mundo de leitura, de repetições e aprendizagem de sons, costumes, pronúncias diferentes de sua realidade cotidiana.

Nesta mesma linha de raciocínio Labov e Harris (1986) argumentam que o sistema básico da língua não é adquirido nas escolas pelo contato com professores, nem tampouco pela exposição aos meios de comunicação de massa. Para eles, os traços lingüísticos não podem atravessar fronteiras. E agora? Será que a sociolingüística teria ou não contribuição a dar neste processo educativo?

Para Bortoni-Ricardo (1996) é no campo da linguagem monitorada que as ações de planejamentos lingüísticos têm influência. Qualquer um de nós por mais escolarizado que seja passa por momentos de pressão psicológica em que recupera seu vernáculo, seu dialeto materno como no caso da pronúncia *bic* ao invés de big. Na prática fica difícil identificar o momento da mudança.

Observando o recorte L12 *(era possível ouvir deboches risos, muito barulho devido às conversas paralelas)*, segundo Goffman (cf. RIBEIRO & GARCEZ, 1998) existem regras para o início e término dos encontros entre os participantes, bem como exigências para que se sustente o diálogo. Podemos encontrar aqui um descomprometimento dos alunos uns com os outros e em relação à professora.

"Há regras claras para o início e término de encontros, para a entrada e saída de certos participantes em particular, para as exigências que um encontro pode requerer de seus sustentadores..." (RIBEIRO & GARCEZ, 1998, p. 14)

Eu sabia, mas tive medo de errar, eu respondo assim yes, she lives in a big farm.Tá errado professora? Os falantes estão conversando com alguém de outro sexo superior, provavelmente sabedor da verdade, numa ocasião onde provavelmente ele será avaliado e que ao invés de ser um momento espontâneo será transformado em um momento formal e sofrido.Lembrando que os informantes escolhidos pertencem a profissões sem nenhuma espécie de relacionamento com a lingua inglesa.

No recorte L16 *repeat please... – Does she live in a big farm*? (os alunos repetem de formas diversas) faça o som do g. Não é bic." Observamos um ponto interessante, o que Jerome Bruner (cf. Ribeiro & Garcez, 1998) chama de "andaimagem". Um membro falante é mais competente que o outro. Ou seja, o professor repete a frase dita pelo aluno, mas apresenta uma variante padrão. A correção na pronúncia do adjetivo *big* mostra a dificuldade e limites sociais da comunidade em encaixar essa mudança em seu vocabulário.

É importante salientar que as pesquisas realizadas na sociolingüística e lingüística aplicada mostram que há professores que atribuem valor negativo à variação, mas existem outros que vêem como característica natural dos alunos a serem corrigidas em sala de aula.

Pesquisadores ligados à etnografia da comunicação - Hymes, Susan Philips, Courtney Cazden, Gumperz, Jenny Cook – Gumperz, Hugh Mehan e Fred Erickson identificaram na escola um fator importante no rendimento escolar proveniente de alunos de grupos minoritários devido à diferença em estilos de comunicação entre professor e alunos. No decorrer das aulas pode haver falhas de interpretação recíproca, o que os sociolinguistas denominam de comunidades de fala, ou redes de fala (Bortoni- Ricardo, 1985). As diferenças culturais no modo de falar e ouvir levam a dificuldades de entendimento em sala de aula. Como observamos na gravação, as diferenças culturais no modo de falar e ouvir decorrem de incongruências entre normas que regem a interação cultural. Isto se deve a diferentes razões sociais, étnicas, econômicas.

Foi a partir da concepção da sociolingüística que pudemos esclarecer o polimorfismo a pluralidade de normas e todas as influências geográficas, históricas sociais que ocorrem no sistema lingüístico. A língua apresenta três tipos de diferenças internas:

1)Variações diatópicas são as variações de natureza espacial, as diferenças locais e regionais ou intercontinentais;

2)Variações diastráticas são as variações determinadas por fatores sócio - culturais (nível culto ou popular, etc.)

3)Variações diafásicas são as variações determinadas pela situação ou ambiente em que esse encontra o falante.

A partir da consolidação da idéia de heterogeneidade lingüística iniciada por dialetólogos e etnólogos começaram a ser desenvolvido na década de 60 estudos que agruparam o aspecto social ao lingüístico.

Segundo Chianca (1999), o discurso que está socialmente e culturalmente situado e obedece as regras do funcionamento das conversações e trocas comunicativas, não é universal, pois varia de uma sociedade para outra, de uma época para outra., ou de um interior para outro como no exemplo da gravação. Gostaríamos poder ter a chance de gravar os alunos em outros tempos revisitá-los anos mais tarde para ver como andam na colocação de pronomes na terceira pessoa do singular e o uso do /r/ em fim de palavras.

Estudos na área da etnografia da comunicação mostraram que variações entre as diferentes culturas afetam a forma como se concebe e se organizam as trocas comunicativas. Nesta visão da comunicação, é indispensável que os participantes da trocam estejam simultaneamente à escuta um do outro, concordando coma qualidade do assunto. Chianca ainda afirma ao qual concordamos que a variação cultural está em todo o lugar e pode vir a afetar todos os aspectos. É capaz de se localizar em todos os níveis do funcionamento das interações, sem que se limite às diferenças do sistema lingüístico.

Considerações finais

A sociologia educacional entrou nos anos 90 organizada a repensar o caminho percorrido e fazer prognóstico para sua ação no futuro. Enquanto isso, no microcosmo da sala de aula ocorre uma variedade lingüística que pode ser de natureza regional, social ou estilística.

Acreditamos que seja preciso estabelecer um diálogo com o professor através de pesquisas para que ele se enriqueça, seja um ser reflexivo e crítico de suas ações. Fica evidente que o pesquisador observador da sociolingüística necessita participar da interação, ou estar bastante interessado na comunidade de falantes.

Neste trabalho queremos mostrar a contribuição da sociolingüística, alertando à necessidade de se respeitar as diversas formas lingüísticas empregada pelos alunos. Acreditamos que o professor de língua pode favorecer o igualitarismo social, participando da socialização dos jovens.

Finalizando, é preciso que se estabeleça um diálogo com o professor por meio de pesquisa que o enriqueça e torne-o apto a promover uma auto-

reflexão e uma análise crítica de suas ações. Optamos por professores que serão parceiros na condução da pesquisa e das ações que em sala de aula facilitarão a aquisição dos amplos recursos comunicativos.

Referências bibliográficas

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna, letramento, variação & ensino.** Parábola ed. 2002.

BORTONI, S. M..O debate sobre a aplicação da Sociolingüística à educação In: **ANAIS DO ENSINO. Simpósio do GT de Sociolingüística da ANPOLL.** 1996. P.17-30.

BORTONI, S. M. A contribuição da Sociolingüística para o desenvolvimento da educação: dos anos setenta aos noventa. In: **Fotografias Sociolingüísticas II.** Univ.Brasília. No prelo.

CHIANCA, Rosalina. (1999). Interagir em langue étrangère: une affaire sócio-culturelle, In: **MOARA Estudos Lingüísticos- Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras**, UFPA, nº 11, Belém: editora Universitária / UFPA. p. 65- 84.

GUMPERS, J.C. **The social Construction of Literacy.** Cambridge. CUP. 1987.

MARTELOTTA, M.E. (org.) **Manual de lingüística**. São Paulo. Contexto. 2008.

RIBEIRO, B.T.& GARCEZ,P.M. **Sociolingüística Interacional. Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso**. AG ed. 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo. Ática ed. 1986.

A (RE)CONFIGURAÇÃO E/OU (RE)CONSTRUÇÃO DA(S) IDENTIDADE(S) DE PROFESSORA: UM ELEMENTO DA INOVAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA?[1]

Milene Bazarim
UNICAMP/CNPq[2]

Resumo:

O objetivo deste trabalho é descrever e analisar como os alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental de uma escola pública da periferia de Campinas-SP (re)configuram e/ou (re)constroem a(s) identidade(s) de professora em cartas trocadas entre esses alunos e a sua professora de Língua Materna (LM) durante os anos de 2004, 2005 e 2006. Este trabalho se insere no campo de estudos da Linguística Aplicada (doravante LA), podendo ser caracterizado como uma pesquisa qualitativa de base interpretativista. As análises são orientadas pelas concepções de identidade advindas dos Estudos Culturais (HALL, 1992; SILVA, 1997; WOODWARD, 1997), pelos estudos da interação professor-aluno inspirados na sociolinguística interacional (GARCEZ, 2008; BAZARIM 2006, 2008), bem como nos estudos sobre referenciação oriundos da análise conversacional de inspiração etnometodológica (MONDADA; DUBOIS, 2003).

Palavras-chave: categorização, identidade, língua materna, Linguística Aplicada, Estudos Culturais.

Abstract

This research aims at describing and analyzing how students from 5th and 6th grades of a public elementary school in the periphery of Campinas –SP (re) configure or (re) construct the identity(es) of the teacher figure in their letters to their mother tongue teacher during the years 2004, 2005 and 2006. This study is theoretically based on Applied Linguistics (AL) and can be characterized as a qualitative research. The analyses are guided by the

[1] Este trabalho contribui com as investigações referentes às práticas de reflexão sobre a escrita, desenvolvidas no âmbito do projeto integrado Práticas de escrita e de reflexão sobre a escrita em contextos de ensino (CNPq n.º 520427/2002; Auxílio FAPESP n.º 2002/11837-4). Agradeço ao Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos pela leitura atenta e pelas sugestões feitas à primeira versão deste trabalho.

[2] Doutoranda do programa de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem – IEL. E-mail: milene_bazarim@yahoo.com.br